Revista Macambira

O artesanato da piaçava das mulheres da comunidade quilombola de Pedra Rasa: elemento de desenvolvimento social e biocultural, Camamu – BA, Brasil

Gisele Cardozo da Silva[1*], **Aurélio José Antunes de Carvalho**[2], **Célia Maria Pedrosa**[3]

RESUMO

As comunidades quilombolas representam uma realidade bastante particular do campesinato brasileiro, especificamente na Bahia. O objetivo dessa pesquisa foi avaliar o desenvolvimento social de mulheres da Comunidade Quilombola de Pedra Rasa a partir de atividades artesanais que geram renda, ao mesmo tempo, remete à afirmação étnico-cultural de modo a valorizar a identidade do grupo local. Após os estudos bibliográficos, foi feita a pesquisa de campo, de caráter qualitativo, envolvendo observação participante e entrevistas com 20 participantes, artesãs da Comunidade Quilombola de Pedra Rasa. Foram evidenciadas as mudanças sociais ocorridas na comunidade após a implantação do Projeto Bahia Produtiva. A principal matéria-prima é a piaçava (*Attlea funifera* Martius, Arecaceae). As características encontradas demonstram que, além de ser uma atividade de importância econômica para o Quilombo, reúne componentes culturais que lhe são bem particulares: a conservação e uso da palmeira piaçava; a manifestação positiva sobre a beleza dos produtos que passa pela visão criativa das mulheres, e a valorização de traços culturais locais. De fato, pode-se asseverar que as políticas públicas são essenciais, não apenas para assegurar a sustentabilidade das atividades culturais, mas, principalmente, para garantir a valorização do artesanato tradicional, a agregação de valor comercial aos produtos e a sustentabilidade socioambiental.

Palavras-chave: Peças artesanais. Bioculturalidade. Cultura popular.

Piassava palm craftsmanship by women from Pedra Rasa Quilombola Community: element of social and biocultural development, Camamu – Bahia, Brazil

ABSTRACT

Quilombola communities represent a very distinctive reality of Brazilian peasantry, specifically in the state of Bahia, Brazil. The objective of this research was to evaluate the social development of women from Pedra Rasa Quilombola Community based on handicrafts that generate income. At the same time, it refers to ethnic and cultural affirmation in order to value the local group identity. After the bibliographic studies, qualitative field research was carried out, involving participant observation and interviews with 20 participants, artisans. The social changes that occurred in the community after the implementation of Bahia Produtiva Project were highlighted. The main raw material is the piassava palm (*Attlea funifera* Martius, Arecaceae). The characteristics found demonstrate that, in addition to being an activity of economic importance for Quilombo, it also brings cultural components that are very particular to it: the conservation and use of piassava palm tree; the positive expression about the beauty of that products, provides creative connotation of women; and the appreciation of their culture. In fact, it can be asserted that public policies are essential, not only to ensure the sustainability of cultural activities,

[1] Graduada em Engenharia Agronômica. Discente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Meio Ambiente e Agroecologia no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Valença. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-7986-7427. *Autora correspondente: giselecardozo19@gmail.com.

[2] Doutor em Ciências Agrárias. Docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Santa Inês. Professor do Mestrado Profissional em Ciências Agrárias (MPCA), IF Baiano. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4368-090X.

[3] Doutora em Ciências Sociais. Docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Valença. ORCID: celia.pedrosa@ifbaiano.edu.br.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

but also to guarantee appreciation of traditional crafts, addition of commercial value to products and socio-environmental sustainability.
Keywords: Handicrafted pieces. Bioculturality. Popular culture.

INTRODUÇÃO

Quilombo é definido como local planejado, em que se agrupavam não só os povos de referência africana, mas também, indígenas e descendentes de europeus excluídos da sociedade, que se rebelaram contra o sistema escravista da época, formando comunidades livres, autossustentáveis e com forte organização territorial (Anjos, 2006). Muitos destes grupos de origem africana se estabeleceram em terras isoladas, formando territórios que não poderiam ser vistos por indígenas e portugueses ou que se admitia ser tolerados por ambos.

Desde o século XVIII, de modo depreciativo, eram denominados quilombos (Moura, 2013), local de escravizados fugidos do regime escravocrata. Com efeito, o primeiro conceito de quilombo no Brasil é datado de 1740 e se refere rigorosamente a um processo de fuga e marginalidade do negro (Gomes; Reis, 2008). Vale referenciar que o quilombo de Palmares foi a maior manifestação de rebeldia contra o escravismo na América Latina, o qual existiu quase 100 (cem) anos e criou uma sociedade alternativa, mostrando a possibilidade de uma organização formada por homens livres (Berger, 2007).

O sistema oficial costuma se referir ao povo negro escravizado e aos quilombos por uma memória do passado, ampliando a invisibilidade social de mais de 1,32 milhões de brasileiros, 68,19% do total de quilombolas vivem no Nordeste do país e apenas 4,3% da população quilombola reside em territórios já titulados no processo de regularização fundiária (IBGE, 2022). Obviamente, tais dados pautam a luta por políticas públicas reparadoras para esse importante segmento da população brasileira.

De fato, abordar as questões dos quilombolas no Brasil é trazer os problemas que vão das vulnerabilidades socioeconômicas à resistência étnica, cultural e histórica de um povo marcado por conflitos e dilemas. Trata-se da "abolição formal e inconclusa da escravidão" que não alterou esse quadro social (Souza Filho e Priosti, 2017). Dentre os vários problemas, destacam-se: a discriminação racial; pobreza extrema; invasões territoriais; migração para grandes centros urbanos; interferência na cultura, na paisagem e no equilíbrio ambiental; baixo índice de renda domiciliar e emprego informal; precárias condições das habitações, dificuldade de acesso à saúde e à educação, aos bens duráveis e de consumo e à informação; vulnerabilidade alimentar; batalhas institucionais; e invisibilidade da população acerca de uma expressiva população que se contrapôs ao escravagismo (Garrafa, 2005; Moura, 2013).

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

Por sua vez, a certificação dessas comunidades contribui para a (re)afirmação de territórios que incluem a terra, a identidade e a valorização étnico-racial. O processo de titulação das terras ocupadas por essas comunidades é lento e há insuficiência de representantes do Estado atuando nessa questão (Santos; Dias; Oliveira, 2018). É, de fato, notório que a Bahia é o estado que possui o maior número de certificações pela Fundação Cultural Palmares.

No território do Baixo Sul da Bahia, é importante sinalizar também a presença de grande contingente de população negra. Esta marca está relacionada ao período colonial, quando, em regime de escravidão, cerca de 12.000.000 pessoas foram trazidas e comercializadas nas Américas e mais de 40% desse montante aportaram no Brasil (Morgan, 2017). Por sua vez, foram desembarcados em portos como o de Baía de Camamu, desde meados do século XVI. A ocupação portuguesa no Baixo Sul data dos primórdios do período colonial, e através da mão-de-obra negra escravizada, a região cumpriu desde então um importante papel de produção de alimentos para o suprimento da cidade de Salvador, que se tratava na época do principal centro urbano do país (Schmitt, 2015).

O quilombo da Pedra Rasa, no mencionado território, faz parte da zona rural do município de Camamu – BA e sua existência remete a mais de 200 anos de existência. Em suas dinâmicas, as decisões são tomadas coletivamente, assim como os momentos festivos são comemorados com todos os integrantes. Na agricultura têm uma produção diversificada, com plantios de dendê, banana e cacau, além do agroextrativismo da piaçava.

Os moradores mais antigos da Comunidade de Pedra Rasa contam que Pedro Cardozo, seu ancestral comum, foi o primeiro morador da área. Dizem que ele fugiu de uma guerra não especificada no séc. XIX. Depois de se estabelecer em Pedra Rasa, Pedro casou-se, formou uma família e começou a cultivar a terra. O nome Pedra Rasa foi dado à comunidade devido a um rio próximo que possui muitas pedras em seu leito.

A comunidade de Pedra Rasa possui manifestações tradicionais conservadas por gerações, expressas em manifestações religiosas, no samba de roda e na arte de tecer com fibra da piaçava. A festa em devoção ao padroeiro São João Batista é um dos marcos da comunidade, com duração de 13 dias, com realização do trezenário que se encerra no dia 24 de Junho. O padroeiro da comunidade é uma homenagem prestada ao João Cardozo, descendente do fundador, sendo o responsável por catequizar seus filhos, deixando um legado de fé católica na comunidade.

Um traço de delimitação dos povos e comunidades tradicionais, conforme Diegues (2004) e Almeida (2004), é que possuem a marcante característica de transmissibilidade, intergeracionalidade e manutenção dos saberes e memórias bioculturais, formas de vida, de

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

relação com a natureza. Com efeito, isso conduz à identidade dos povos e comunidades tradicionais. Dentro desse entendimento, emerge a valorização do artesanato, elemento que pode ser considerado como mais um instrumento de expressão dessa legitimidade identitária, além de ser também uma oportunidade para auferir renda monetária (Teixeira *et al*., 2011).

No Brasil, as atividades artesanais são geralmente desenvolvidas por núcleos familiares e por mulheres predominantemente situadas em regiões mais pobres, sendo que a produção artesanal apresenta uma grande variedade de expressões e quantidade de matérias-primas disponíveis. Ao longo dos últimos anos, essa atividade tem apresentado um ritmo de crescimento acelerado, constituindo-se como uma atividade econômica com grande potencial de expansão (Lemos, 2011).

Em meio a todo esse contexto, têm-se as especificidades das mulheres quilombolas. Em geral, enquanto os homens migram para as cidades maiores em busca de trabalho, elas permanecem. Ali garantem o sustento, a partir do manejo dos recursos naturais, atuando para a organização social e transmissão dos saberes ancestrais (ONU, 2017). Este documento da ONU revela também que as quilombolas estão expostas às variadas formas de violência, são as principais impactadas pelos conflitos territoriais, provocados pelos empreendimentos desenvolvimentistas e pela supressão de direitos, o que compromete significativamente o desenvolvimento social e econômico dessas mulheres. Efetivamente, a resistência é a marca dos povos quilombolas, sendo expressivo o protagonismo da mulher negra que se evidencia no dia a dia das comunidades. Ademais, o artesanato tem grande vinculação com as mulheres, Teixeira *et al*. (2011) corroboram a afirmação quando dizem que o artesanato ao longo do tempo foi se constituindo como uma das principais fontes de subsistência para comunidades tradicionais rurais, em especial, para o segmento feminino.

Por seu turno, as comunidades tradicionais com seus modos de vida próprios possuem formas de lidar com a natureza a partir de suas cosmovisões, seus valores fundamentam conhecimentos acerca de seu território que determinam práticas e processos coevolutivos aos seres vivos de seus territórios (Toledo; Barrera-Bassols, 2015), formando um acervo biocultural. Assim, a palmeira piaçava ou, simplesmente, piaçava (*Attalea funifera* Martius) endêmica do litoral da Bahia, de Sergipe e de Alagoas tem se destacado nas comunidades tradicionais, como matéria-prima para produção de produtos artesanais.

No território quilombola em foco, existem maciços de palmeira Piaçava, nos solos arenosos e distróficos. É uma espécie nativa e endêmica do Brasil, natural da Mata Atlântica. Além de ser uma palmeira de fundamental importância para conservação de remanescentes

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

florestais da restinga, a piaçava é um produto florestal não madeireiro (PFNM) de grande valor socioeconômico no Brasil (Guimarães; Silva, 2012; Pimentel, 2015).

Assinala-se que a Bahia é o maior produtor de fibras de piaçava, sendo os municípios de Ilhéus, Nilo Peçanha, Cairu, Ituberá e Canavieiras responsáveis por 85,5% da produção de fibra de piaçava nacional no ano de 2013 (IBGE, 2013). A exploração da piaçaveira é uma atividade exclusivamente extrativista, portanto, o uso e manejo com sustentabilidade garantem a perpetuação de populações dessa palmeira e, afortunadamente, isso faz parte do acervo de conhecimentos/saberes – bioculturalidade – dos povos e comunidades tradicionais. Por sua vez, Vinha e Silva (1998) afirmam que, dentre as palmeiras produtoras de fibra, a piaçava é a de maior relevância econômica devido à qualidade da fibra e sua boa aceitação internacional.

Durante vários séculos, a utilização das fibras da piaçava se limitava exclusivamente para amarras (cordas reforçadas) para navios, devido à sua flexibilidade e à alta resistência à salinidade. Sua importância econômica tem aumentado pelo uso de sua fibra natural para fins industriais e artesanais por meio da fabricação de vassouras domésticas e mecânicas, cordas para amarração de navios, enchimento de estofados, chapéus, bolsas, cestas e outros (Zugaib; Costa, 1988).

No território quilombola de Pedra Rasa, abundam essas palmeiras, que fazem parte de um aglomerado de outras comunidades quilombolas. Seus integrantes sobrevivem principalmente de produtos de agricultura de subsistência e da pesca artesanal, sendo que esses produtos são comercializados nas comunidades próximas e na feira do município de Camamu. A Associação dos Moradores e Produtores da Comunidade Remanescente de Quilombos da Pedra Rasa, formada em sua maioria por mulheres, especializou-se na atividade e produção de artesanato de piaçava.

Nesse contexto, o objetivo do trabalho consiste em avaliar o desenvolvimento social de Mulheres da Comunidade Quilombola de Pedra Rasa a partir de seus próprios depoimentos acerca das atividades artesanais, ligadas à geração de renda e sua afirmação ético-cultural, tendo como marco o Projeto Bahia Produtiva.

MATERIAIS E MÉTODOS

Por sua vez, o presente artigo é resultante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O artesanato das mulheres quilombolas da comunidade quilombola de Pedra Rasa: elemento de desenvolvimento socioeconômico e afirmação étnica”, vinculado à Pós-graduação em Meio

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

Ambiente e Agroecologia do IF Baiano Campus Valença, de autoria de Gisele Cardozo da Silva.

A comunidade rural quilombola de Pedra Rasa – *locus* da pesquisa, localiza-se no município de Camamu – BA e é formada por cerca de 150 famílias. Possuem um modo singular em termos de cultura e costumes que foram legados pelos seus ancestrais. A forma de lidar com a terra e a pesca artesanal são provas disso. Têm como principal fonte de renda a pesca, a agricultura e, também, o artesanato feito de piaçava. Estas atividades contam com o complemento de renda: recebem o auxílio do Bolsa-Família – programa de transferência de renda do Governo Federal.

Neste estudo, inicialmente foi realizada a pesquisa bibliográfica, que conforme aponta Gil (1998), tem a vantagem de permitir ao investigador a cobertura de uma série de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente, tornando-se cada vez mais relevante a partir do momento em que o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

A pesquisa teve um caráter qualitativo, através do estudo de caso, em que se buscou informações muito particulares relacionadas ao modo de vida da comunidade, o que não pode ser quantificado, pois expressa o ponto de vista das participantes. “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 47).

A coleta de dados ocorreu através de observações acerca da organização do trabalho de produção do artesanato da piaçava e entrevistas semiestruturadas guiadas por um roteiro, a fim de caracterizar e refletir sobre o significado destas atividades na integração, identidade e geração de renda da comunidade, especificamente de suas artesãs, verificando a ocorrência das mudanças sociais ocorridas na comunidade após a implantação do Projeto Bahia Produtiva e o uso da piaçava como matéria-prima principal.

Das 150 famílias que residem na Comunidade Quilombola de Pedra Rasa, apenas 21 estão inseridas no Projeto Bahia Produtiva e delas, 20 mulheres participaram da pesquisa. A ação investigativa de campo ocorreu no período de maio a julho de 2022, após a aprovação do Conselho Nacional de Ética na Pesquisa (CONEP).

A análise dos dados qualitativos foi realizada por meio de Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2002), prevê a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados e a interpretação dos dados coletados.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os moradores da comunidade estão vinculados à Associação dos Moradores e Produtores da Comunidade Remanescente de Quilombos de Pedra Rasa, que foi criada em 2001. Trata-se de uma organização coletiva e sem fins lucrativos em queos moradores se reúnem para discutir questões de interesses comuns de todos. Foi possível, desde a primeira aproximação, perceber a realidade dos moradores, suas principais dificuldades e também as potencialidades do seu território.

Foi a Associação a responsável pelo pleito à Fundação Palmares em relação à certificação – expedida oficialmente em 2008 e, hoje, está em um rol de dez outras comunidades certificadas em Camamu. Urge que os quilombolas tenham a segurança jurídica da sua terra, para produzir e permanecer em seus territórios com mais qualidade de vida. De acordo com as quilombolas, o reconhecimento legal foi resultado de muito empenho por parte dos moradores: "Nossa comunidade ficou muito alegre com o recebimento do título, que representa um reconhecimento do nosso território e também fortalece a nossa identidade quilombola".

A certificação facilitou e propiciou conquistas de infraestrutura básica como água potável da vila, advinda de um poço tubular, perfurado pela Companhia de Engenharia Hídrica e de Saneamento da Bahia (CERB). No entanto, ainda assim, nem todos os moradores são contemplados com a água e o sistema é ineficiente, como relata uma moradora: "Na minha casa não chega água, utilizamos água da fonte que temos no fundo do quintal".

O artesanato de fibra de piaçava na Comunidade é uma atividade que atravessa séculos e é praticada pelas mãos das mulheres desde a época da formação do Quilombo. Elas trabalhavam com cestarias para uso doméstico e agrícola, ou seja, armazenar os mantimentos, levar e trazer os frutos do dendê, mandioca e outros produtos agrícolas ou do agroextrativismo. Porém, nas cercanias da Comunidade, localidade de Barcelos, atualmente, há uma companhia particular que explora o gesso – Companhia de Mineração na Bahia (KNAUF), que teve como medida mitigadora, determinada pelo órgão ambiental, de impactos de suas atividades, promover atividades/ações formativas de capacitação para a população local. Por essa razão, em 2017, foi viabilizado o curso através da Associação de Biojóias Pesca e Agricultura de Ituberá (ABPAGI), que permitiu auxiliar no aprimoramento e inovações destinadas a produções artesanais do grupo de mulheres, a partir do que as artesãs locais já faziam e tinham destreza.

Aproveitando a oportunidade da existência de um edital público da Companhia de Ação Regional (CAR), programa Bahia Produtiva, a Associação de Pedra Rasa fez sua inscrição de um projeto com foco estabelecido em beneficiar a piaçava, visando fomentar o trabalho e as

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

habilidades das mulheres da comunidade. Em 2018, com o projeto aprovado, iniciou-se a construção de uma unidade de beneficiamento de piaçava e cozinha comunitária. A iniciativa abarcava também o acompanhamento do grupo pelo serviço de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural). As entrevistadas afirmaram que foi com o desenvolvimento do projeto que a comunidade voltou a trabalhar artesanalmente a fibra da piaçava. Assim, tem-se como representação significativa a fala de uma das quilombolas que diz: "Nos incentivou. Há uma esperança de geração de renda e de cultivar a nossa cultura e valorizar a piaçava através da nossa arte. O Bahia Produtiva foi a fonte para que a gente chegasse até aqui e para a gente ter esperança de crescer".

Surge, então, um grupo produtivo: BellaQuilombolla, formado por mulheres da comunidade, que se organizam nas suas casas para produção de bolsas, cestas, mandalas e sousplast (Figura 1). São fabricados utilizando a fibra da piaçava existente na própria comunidade. Segundo Krucken (2009), as atividades artesanais se constituíram ao longo do tempo como uma das principais fontes de subsistência para comunidades tradicionais rurais. Na prática deste artesanato, lançam mão de uso dos recursos existentes de maneira sustentável, com engenhosidade e técnicas com traços marcantes e particulares que caracterizam o lugar e sua gente.

Decerto, a extração de fibra da piaçava e a técnica envolvida foi um legado dos indígenas; inclusive o nome deriva do tupi pyá-açaba que traduzindo para o português quer dizer: trançar, nó, tecer, juntar (Sampaio, 1955). A extração da fibra, portanto, trata-se de um aprendizado intercultural existente nos territórios quilombolas. Foram as mulheres que mais desenvolveram essa tarefa e produziram cestas e cestos para armazenar os alimentos. No entanto, essas peças eram rústicas, ou seja, com pouco refinamento e acabamento, não eram comercializadas. Uma das artesãs afirma que: "O artesanato aqui sempre foi de raiz. Meu avô tirava a piaçava e minha avó produzia artesanato trançado, sem usar outro material. Evoluímos e resgatamos nossa cultura. Participamos de cursos e inovamos. Criamos coisas novas, incluindo outros materiais". Percebe-se a divisão social do trabalho, ou seja, são os homens que saem a campo e colhem as fibras da piaçava. As mulheres são incumbidas de realizar a secagem, seleção e o serviço de tecimento. O trabalho com a piaçava une a comunidade num processo colaborativo entre homens e mulheres.

Regra geral, os territórios quilombolas foram estabelecidos em áreas de condições marginais de solos e clima adversos para muitos cultivos agrícolas e estas palmeiras nativas, conforme mencionado, formam maciços em solos arenosos, ácidos e distróficos que a população local sabe manejar e utilizar. Saber utilizar, conservando os recursos existentes, é

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

um traço das comunidades tradicionais (Diegues, 2004). Mais recentemente, a fibra da piaçava foi desvalorizada, com preços de mercado no atacado que não atraem o produtor para a extração. De acordo com Pimentel (2015), embora a piaçava tenha grande importância na geração de renda das famílias agroextrativistas e no uso histórico dos seus produtos, ainda não houve avanços em políticas públicas que refletissem de forma permanente a melhoria de renda e continuidade da cultura.

Figura 1 – Fibra de Piaçava e peças artesanais produzidas no quilombo de Pedra Rasa Camamu – BA, 2021



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2021.

As moradoras e moradores afirmam que as palmeiras (botanicamente da família *Arecaceae*: piaçava (planta nativa) e dendê (*Elaeis guineensis*, oriunda de África) correspondem aos pilares de manutenção da Comunidade de Pedra Rasa há séculos. Durante anos a Comunidade viveu apenas no agroextrativismo da piaçava, sem produzir o artesanato, fazendo a colheita e a comercialização da fibra bruta em estabelecimentos da região para produção de vassouras. Agregando também à produção artesanal do azeite de dendê.

O agroextrativismo das palmeiras, especialmente a piaçava, integra, como já comentado, a Comunidade através do trabalho. A piaçava é extraída pelos homens, nos arredores do quilombo e as mulheres fazem a limpeza e seleção da fibra (Figura 2), que é utilizada para produção das peças. Trata-se de fonte desubsistência em vista do papel que ocupa no conjunto dos recursos econômicos de Pedra Rasa e, também, é parte da identidade cultural de seu povo, marcada por vivências no trabalho coletivo como elo integrador e que fortalece o sentimento de pertencimento à comunidade.

Sem dúvida, a certificação pela Fundação Palmares contribuiu para o acesso às políticas públicas. Segundo Da Hora (2021), ela tem um valor muito importante para os quilombolas, já que torna esses grupos visíveis para políticas públicas, proporcionando a animação de que a

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

luta está valendo à pena, está trazendo resultados, a certeza de que estão sendo ouvidos e a garantia de ter o reconhecimento legal.

Nas mãos das artesãs da Pedra Rasa, as fibras da piaçava ganham vida e dão lugar a cestas, mandalas, *sousplats*, bolsas, chapéu e outros objetos confeccionados pelas artesãs. Trata-se do que Castilho *et al*. (2017) afirmaram: a cultura é o ambiente simbólico de reconhecimento e identidade, o espaço compartilhado de práticas e valores, tornando-se o principal elemento de agregação social para as comunidades. Acertadamente o Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP), organização social responsável pela Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), na comunidade, a partir de contrato com o Governo do Estado, via projeto Bahia Produtiva soube ouvir, perceber e valorizar as demandas/riquezas existentes na comunidade.

Figura 2 – Grupo de mulheres fazendo a limpeza e seleção da fibra de piaçava, quilombo Pedra Rasa, Camamu – BA



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2021.

No decorrer do projeto, a equipe de ATER mobilizou mutirões e oficinas para prática do artesanato em piaçava e aprendizado coletivo entre as mulheres. Houve um processo de ensino-aprendizagem não-formal colaborativo: as artesãs que tinham mais prática passaram a ensinar as com menos habilidade e, juntas, começaram a avançar na uniformização das peças. Essas atividades em grupo foram realizadas várias vezes, sempre com o objetivo de interação e reafirmação da proposta do projeto para a mobilização do grupo e também para a produção de peças para a comercialização, conforme afirmou a depoente: “Foi através do trabalho em grupo que eu comecei a fazer o artesanato. Hoje já faço várias peças. Sonhamos em divulgar o nosso trabalho para fora. Queremos ter o artesanato como nossa principal fonte de renda”.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

Um grande marco para o grupo de mulheres foi a oficina para definição da identificação do nome do grupo e construção da marca. O nome "BellaQuilombolla" foi definido coletivamente e em parceria com o SASOP e a UNISOL (Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários do Brasil), assim como a arte da identidade visual, através de metodologia específica para esse fim, reafirmando a trajetória de resistência das artesãs e da comunidade.

Além disso, o uso de mídias sociais para divulgação dos produtos foi uma estratégia proposta pela equipe de ATER para que o artesanato das mulheres da Pedra Rasa fosse conhecido e comercializado em várias localidades. De acordo com Costa (2019), com a revolução tecnológica e a expansão do mercado virtual, as lojas *on line* sofreram diversas mudanças, passaram a ser vistas como um terreno fértil a ser explorado. A autora afirma, ainda, que o uso da tecnologia hoje oferece diversas vantagens, como: ganhos de eficiência ou maior praticidade no atendimento ao cliente, facilitando o processo de vendas para regiões mais afastadas.

Para as artesãs, seu ofício é significativo e um dos elementos da cultura local. Assim, percebe-se que a "cultura está sempre enraizada em base territorial, proveniente da integração do homem e para adequar-se às adversidades do local, construindo assim sua identidade" (Castilho *et al*., 2017), o exemplo disso é o uso da piaçava como elemento biocultural de Pedra Rasa. Os membros do quilombo que aceitam, gostam e adquirem os produtos comercializados pelas mulheres de Pedra Rasa expressam sua sintonia com um conjunto de valores utilitários, estéticos e identitários. A comunidade vê o artesanato de piaçava como um "produto seu", um produto local, conforme depoimentos que se seguem: "Ver alguém usando a peça que eu fiz é um sentimento de orgulho e de felicidade de que meu trabalho é visto e reconhecido pelas pessoas" e outra "Não vendemos só um produto, em cada peça tem muito amor e muita história".

Além da comercialização em redes sociais, os produtos das artesãs do quilombo também são vendidos em feiras de artesanato da região. Durante a entrevista, 99% das entrevistadas ressaltaram que as feiras como os principais espaços de exposição para o artesanato produzido: "A participação em feiras foi muito importante pra nós, pois passaram a conhecer nosso trabalho, tinha pessoas aqui de Camamu que não conhecia o que nós produzia". No entanto, as artesãs afirmam ainda que os frequentadores das feiras têm dificuldade em reconhecer os esforços empreendidos na produção dos produtos e não valorizam economicamente.

A geração de renda através do artesanato é um dos principais objetivos desse grupo de mulheres, pois elas buscam aumentar a renda familiar e melhorar a qualidade de vida das suas

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

famílias. Santos, Dias e Oliveira (2018) explicam que a aceitação por parte dos companheiros não é frequente nos contextos rurais, visto que o ativismo político dessas mulheres em grupos produtivos, a participação de reuniões, formações e mobilizações e/ou estudos, apresentam adversidades para algumas, devido aos maridos posicionarem-se contrariamente ao envolvimento delas nos espaços ditos públicos. E a concordância se dá quando as mulheres rurais conquistam alguma renda com a comercialização da produção, pois acabam por convencê-los da importância de sua integração.

O fato de as mulheres começarem a sair para as feiras de artesanato das regiões mostrando seus produtos trouxe também incômodos que (re)mexeram com valores estabelecidos. Com isso, algumas artesãs se desvincularam do grupo, cedendo ao machismo de seus companheiros. De acordo com Fernandes, Galindo e Valencia (2020), o machismo encontra-se como uma estrutura que organiza a vida destas mulheres quilombolas, de modo a normalizar seus afazeres e responsabilidades. Os autores afirmam ainda que essas mulheres se tornam objeto e instrumento que deve cuidar apenas da família, do marido e dos afazeres domésticos. Sendo que essa racionalidade busca impedir a autonomia sobre a vida das mesmas. Entretanto, muitas resistem e iniciam processos de autonomia com renda adicional advinda de suas peças de artesanato, e há também homens que percebem o valor destes produtos para renda da família e ajudam as mulheres no empreendimento.

A unidade de beneficiamento de piaçava e cozinha comunitária se encontram em fase de construção das instalações. No entanto, de pronto, nota-se uma grande mudança e avanço das artesãs, mesmo produzindo em casa, as mulheres já estão comercializando uma quantidade expressiva de produtos. Percebe-se um sentimento de pertencimento e esperança no semblante das quilombolas, conforme afirmam as quilombolas artesãs:

> Nos incentivou. Temos esperança de geração de renda ainda maior e de cultivar a nossa cultura e valorizar a piaçava através da nossa arte. O Projeto Bahia Produtiva foi a fonte para que a gente chegasse até aqui e para a gente ter esperança de crescermos.
>
> Foi uma junção de forças. Temos a matéria-prima, mas precisamos de estrutura e maquinários para produzir em larga escala. O projeto chegou e nos deu um anzol para pescar e aproveitamos essa oportunidade para buscar nossa independência.
>
> O projeto Bahia Produtiva é um sonho realizado. Mesmo sem finalizar a obra, já tenho muita esperança que vamos crescer. A comercialização do nosso artesanato já é uma realidade e tenho fé que vamos crescer ainda mais.

A comercialização das peças e o consequente aumento da renda provocam positivamente a elevação da autoestima e melhoria da qualidade de vida das artesãs. Tudo isso advém de trabalho articulado: individual e coletivo, em que valoriza a história local de luta e

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, Jan.- Dez., 2023
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

resistência e toda a representatividade da Comunidade Quilombola de Pedra Rasa retratada na linha do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato produzido na Pedra Rasa reflete o reconhecimento de si como uma comunidade quilombola. O trabalho une homens e mulheres em torno de uma atividade que tem raízes ancestrais e que, ao mesmo tempo, inova através de um artesanato com características particulares, esmerado, que enche os olhos de visitantes e revestem as quilombolas de Pedra Rasa de autoestima.

As quilombolas deixam evidente a importância da arte de trançar fibras vegetais, que além de trabalhar com suas identidades, também se torna um meio de obter renda. As mulheres desempenham papel chave – evocam sua etnicidade, afirmam e reafirmam como quilombolas. E o trabalho, manejo e o artesanato da piaçava que traz a plasticidade, a beleza que ajuda a impulsionar o processo social de afirmação ética que se reflete no economato e em possibilidades de emancipação, através de ganhos auferidos pela atividade.

Também pode-se afirmar que são necessárias políticas públicas, programas e projetos que, não apenas assegurem a permanência ou a sustentabilidade das atividades culturais. O artesanato existente na Pedra Rasa valoriza atividades tradicionais, com agregação de valor comercial aos produtos e a sustentabilidade socioambiental, além de ser dotada de serviços ecossistêmicos como o manejo e conservação da palmeira piaçava.

Nesse contexto, os produtos bioculturais são potenciais existentes nas Comunidades e Povos Tradicionais que pontilham o território baiano a serem valorizados, conhecidos e fomentados. São a partir das potencialidades existentes nas comunidades locais que as políticas públicas devem incidir de modo a realizar um apoio que possa contribuir com os povos e comunidades tradicionais nos seus projetos de emancipação e autonomia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 6, n. 1, p. 9-9, 2004. Disponível em: https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/102. Acesso em: 30 jul. 2023.

ANJOS, Rafael Sanzino Araujo dos. **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: Aori, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BERGER, Marc. **O quilombo**: forma de resistência histórica dos escravos. Tradução: Victória Gondim-Jacobi e Bernardete Biasi. [*S. l.*]: Grin Verlag, 2007.

CASTILHO, Maria Augusta *et al*. Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, p. 191-202, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/inter/a/BVjqrfpcBrgSxXVYYrCb5zf/. Acesso em: 10 ago. 2023.

DA HORA, Ranielle de Souza. Mudanças em comunidades quilombolas após certificação: um estudo de caso do Tabuleiro da Vitória -BA. 2021. 50 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Gestão Pública) Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2021. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/gestaopublica/images/phocadownload/20202_TCCdefendidos/HORA_Mudanas_comunidade_quilombola.pdf. Acesso em: 05 ago. 2023.

DALTRO, Karina Valentim Costa. Plano de Negócio: Lena Artes. 2019. 60 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16519/1/KVLC19112019.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, NUPAUB, 2004.

FERNANDES, Saulo Luders; GALINDO, Dolores Cristina Gomes; VALENCIA, Liliana Parra. Quilombola identity: actuations in daily of women quilombolas in the agreste of Alagoas. **Psicologia em estudo**, v. 25, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/HQ9q3vV8g3GmkDxDmVjpM6k/?lang=en. Acesso em: 06 ago. 2023.

GARRAFA, Volnei. Inclusão social no contexto político da bioética. **Revista Brasileira de Bioética**, v. 1, n. 2, p. 122-132, 2005. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/view/8066. Acesso em: 25 jul. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

GOMES, Flávio dos Santos; REIS, João José. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

GUIMARÃES, Carlos Alex Lima; SILVA, Luiz Alberto Mattos. **Piaçava da Bahia (*Attalea funifera* Martius)**: do extrativismo à cultura agrícola. São Paulo: Editus, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção da extração vegetal e silvicultura**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pevs/2013. Acesso em: 27 de maio de 2023.

KRUCKEN, Lia. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LEMOS, Maria Edny Silva. O artesanato como alternativa de trabalho e renda: avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce. 2011. 112f. **Dissertação** (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-graduação Profissional em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza, 2011. Disponível em: https://portalidea.com.br/cursos/c460f326371ef455134f35d803748169.pdf. Acesso em: 02 ago. 2023.

MORGAN, Kenneth. **Cuatro siglos de esclavitud transatlántica**. Tradução de Carmen Castells. Barcelona: Crítica, 2017.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Mulheres quilombolas**: liderança e resistência para combater a invisibilidade. Genebra: ONU, 2017. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-quilombolas-lideranca-e-resistencia-para-combater-a-invisibilidade. Acesso em: 26 jul. 2023.

PIMENTEL, Noara Modesto. Uso tradicional, manejo e processamento da piaçava (*Attalea funifera* Mart.) da Bahia. 2015. 210 f. **Tese** (Doutorado em Ciências Florestais) – Faculdade de Tecnologia, Departamento de Engenharia Florestal, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/18993. Acesso em: 04 ago. 2023.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1955.

SANTOS, Vitoria Carmo dos; DIAS, Acácia Batista; OLIVEIRA, Ildes Ferreira de. Mulheres quilombolas e suas experiências de organização-Sítio Santana, Lamarão/Ba. **Revista Conexão UEPG**, v. 14, n. 2, p. 178-186, 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5141/514161375004/514161375004.pdf. Acesso em: 03 ago. 2023.

SCHMITT, Claudia Job. Weaving the institutional market: the politics of food production in land reform settlements in Brazil. *In*: MILONE, Pierluigi; VENTURA, Flamínia; JINGZHONG, Ye. (Org.). **Constructing a New Framework for Rural Development**. Bingley BD, WA, UK: Emerald, 2015, v. 1, p. 255-299.

SOUZA, Carlos Frederico Marés de; PRIOSTE, Fernando. Quilombos no Brasil e direitos socioambientais na América Latina. **Revista Direito e Práxis**, v. 8, p. 2903-2926, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/2179-8966/2017/31219.

TEIXEIRA, Marcelo Geraldo *et al*. Artesanato e desenvolvimento local: o caso da Comunidade Quilombola de Giral Grande, Bahia. **Interações** (Campo Grande), v. 12, p. 149-159, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/inter/a/GRd3sPCBQx48tVWHdCBh73q/. Acesso em: 05 ago. 2023.

TOLEDO, Víctor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VINHA, S. G.; SILVA, L. A. M. **A piaçaveira da Bahia**. Ilhéus: Editus, 1998.

ZUGAIB, A. C.; COSTA, D. A. M. **Comercialização da piaçava**. Ilhéus: Publ. Avulsa, 1988.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.

Revista Macambira

Informações do Artigo	ArticleInformation
Recebido em: 15/05/2023 **Aceito em**: 13/09/2023 **Publicado em**: 26/09/2023	**Receivedon**: 2023/05/15 **Accepted in**: 2023/09/13 **Publishedon**: 2023/09/26
Contribuições de Autoria *Resumo*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho *Introdução*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *Referencial teórico*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *Análise de dados:* Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *Discussão dos resultados*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *Conclusão:* Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho Referências: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho *Revisão do manuscrito:* Aurélio José Antunes de Carvalho, Leandro Nunes *Aprovação da versão final publicada:* Aurélio José Antunes de Carvalho	**Author Contributions** *Abstract*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho *Introduction*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *Theoretical Reference*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *Data analysis*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *Discussion of results*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *Conclusion*: Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho, Célia Maria Pedrosa *References:* Gisele Cardozo da Silva, Aurélio José Antunes de Carvalho *Manuscript review:* Aurélio José Antunes de Carvalho, Leandro Nunes *Approval of the final published version*: Aurélio José Antunes de Carvalho
Conflitos de Interesse Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The authors declare that thereis no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como citar este artigo - ABNT SILVA, Gisele Cardoso da; CARVALHO, Aurélio José Antunes de; PEDROSA, Célia Maria. O artesanato da piaçava das mulheres da comunidade quilombola de Pedra Rasa: elemento de desenvolvimento social e biocultural, Camamu – BA, Brasil. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, jan./dez., 2023. https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929.	**Howto cite thisarticle - ABNT** SILVA, Gisele Cardoso da; CARVALHO, Aurélio José Antunes de; PEDROSA, Célia Maria. Piassava palm craftsmanship of women from the quilombola de Pedra Rasa Community: element of social and biocultural development, Camamu – Bahia, Brazil. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, e071015, jan./dez., 2023. https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929

Licença de Uso	Use license
A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.